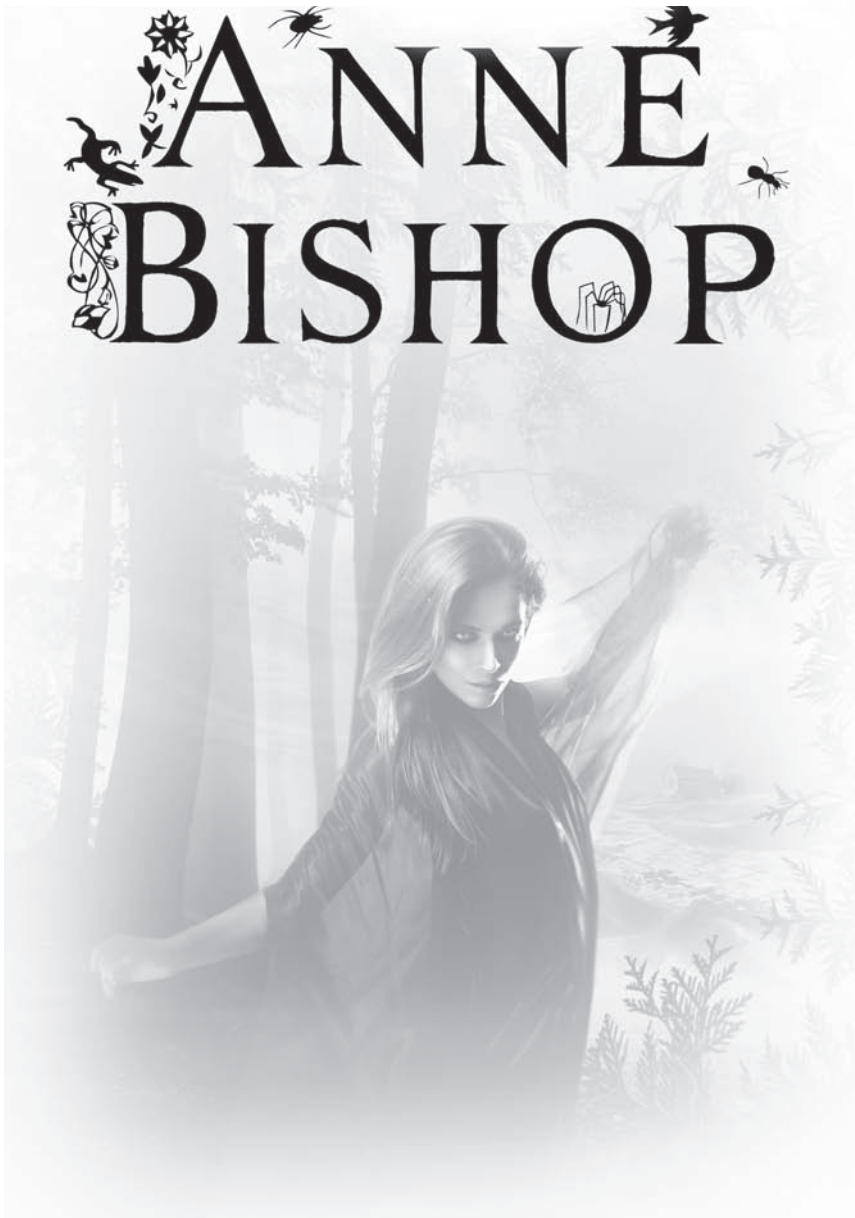






ANNE  
BISHOP

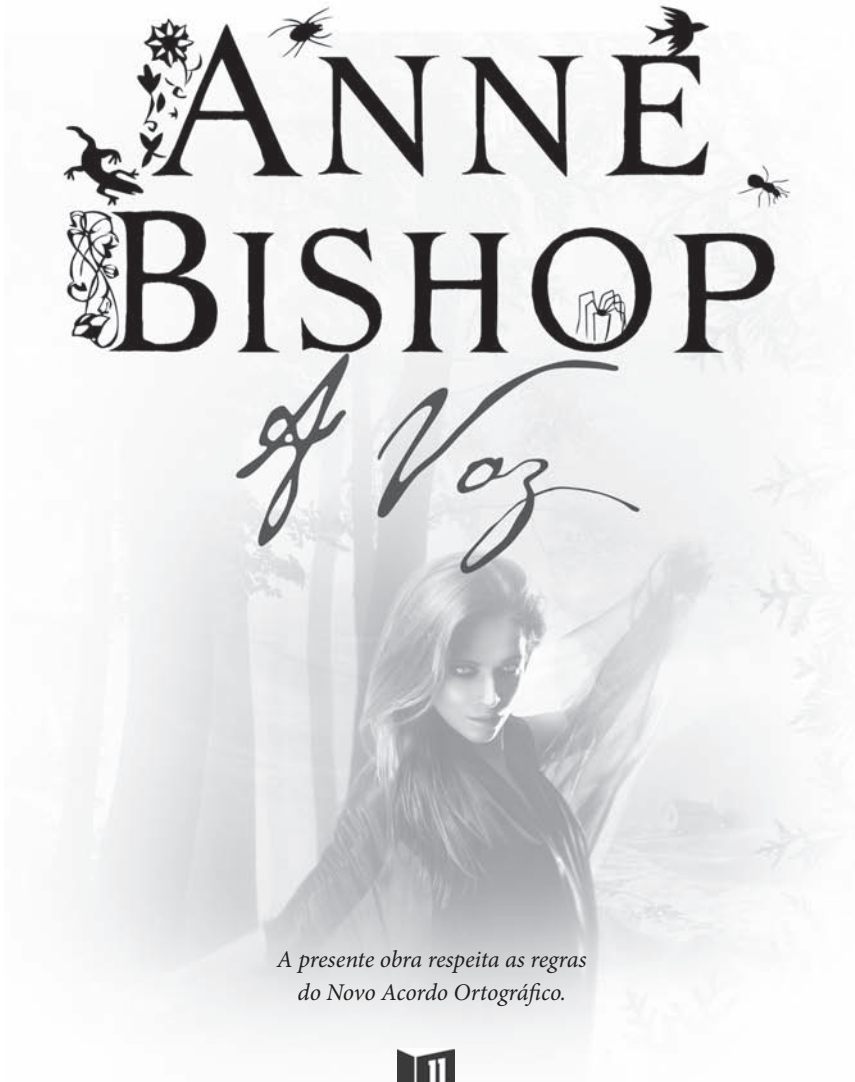




UMA NOVELA PERTENCENTE AO MUNDO DE  
SEBASTIAN E BELLADONNA

# ANNE BISHOP

*of Voz*

The background of the title features a woman with long hair in a forest setting. The word 'ANNE' is decorated with a spider on the 'A', a bird on the 'E', and a lizard on the left side. The word 'BISHOP' has a spider on the 'O' and a bird on the right side. The subtitle 'of Voz' is written in a cursive font.

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*





Título original: *The Voice*  
Autor: Anne Bishop  
© 2012 by Penguin Group

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por  
Edições Saída de Emergência  
R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal  
2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal  
Telefone e Fax: 214 583 770  
[www.saidadeemergencia.com](http://www.saidadeemergencia.com)

Paginação: Edições Saída de Emergência  
Tradução: Luís Coimbra  
Revisão: Saída de Emergência

Impressão e acabamento: Caflesa, Soluções Gráficas, Lda.  
Depósito legal n.º 353708/13  
Acabou de imprimir-se em fevereiro de 2013

ISBN: 978-989-637-492-1

Caro leitor,

Há histórias que nos perseguem até as escrevermos. Foi o que me aconteceu há alguns anos, quando a primeira frase desta se recusou a largar-me enquanto não escrevi todas as seguintes. «A Voz» foi a minha primeira abordagem à cidade de Visão, um dos territórios de Efémera. Tenho o prazer de poder agora partilhá-la convosco.

Que a vida não lhe pese,

Anne Bishop





## 1.

Chamavam-lhe «A Voz» porque a não tinha. Gorda, muda e lerda, era uma órfã que a aldeia sustentava, providenciando-lhe casa e quem cuidasse dela. E era sempre incluída na vida da população local. Claro que não era recebida em casa de ninguém — os aldeãos deslocavam-se à residência da Voz quando se impunha visitá-la —, mas sempre que alguém tinha um «dia de azedume», como a minha mãe lhes chamava, sempre que acontecia algo de mais desagradável, preparava-se um bolinho especial. O «azedo» levava a guloseima a casa da Voz, esperava que esta se instalasse no seu assento especial na sala de visitas, e entregava-lhe a oferenda.

Ela nunca recusava um bolo azedo. Nunca. Sorria para as crianças que lhos ofereciam e, às vezes, sorria também para os adultos. Nunca sorria para os Anciãos, mas também não recusava as oferendas que lhe levavam quando a iam visitar. Tínhamos a certeza que nunca as rejeitava porque isso fazia parte do ritual — ficávamos a vê-la comer aquilo que lhe oferecíamos e, quando nos íamos embora, sentíamos-nos melhor. O azedume dissipava-se e voltávamos à vida do costume.

Nunca estranhara que uma órfã tivesse uma sala de visitas semelhante à sala de audiências no Paço dos Anciãos. Nunca me interrogara sobre o facto de o azedume de um dia obrigar à confeção de um bolo para oferecer. E nunca me perguntara sobre a importância de as crianças se fazerem acompanhar de um adulto que supervisionasse as visitas até merecerem confiança suficiente para irem oferecer as guloseimas sozinhas, sem risco de as paparem pelo caminho. Nunca senti senão pena e alguma superioridade em relação à menina — tendo apenas mais dez anos do que eu, era pouco mais do que uma criança na altura —, sempre com a cabeça enfiada em capuzes esquisitos que lhe tapavam o pescoço, o corpo escondido em vestidos e calças simples, pois, apesar de ser ainda jovem, não tinha qualquer

necessidade de vestir trajes bonitos que atraíssem o olhar dos homens, ao contrário do que faziam as outras moças da aldeia.

Portanto, continuei a viver feliz e contente — ingénua — na aldeia que sustentava a Voz até ao verão em que fiz dez anos. Foi então que desconfiei pela primeira vez qual seria a realidade da situação.

Fora uma estação quente, de pouca chuva. Os homens passeavam-se com as roupagens típicas do estio: túnicas sem mangas e calças leves cujas bainhas se estreitavam acima dos joelhos. Alguns dos mais jovens — os solteiros que andavam à procura de esposa — tinham a ousadia de cortarem as pernas das calças pelo meio da coxa: uma alegria para as mulheres mais velhas, uma vergonha para os homens mais idosos e ossudos, e um escândalo para os Anciãos. Estes só se viram obrigados a rever as regras rígidas sobre a indumentária feminina quando começaram a desmaiar senhoras todos os dias, enquanto tratavam das lides à torreira do Sol, altura em que autorizaram o uso de túnicas de mangas curtas e calças que acabavam pouco abaixo do joelho. Os Anciãos concluíram que estava, simplesmente, demasiado calor para a prática de atividades particularmente cansativas, logo a imagem de membros femininos a descoberto não excitaria a carne dos homens.

O número de mulheres que engravidaram nesse verão — e a quantidade de mancebos que se viram obrigados a apressar o casamento — tornou evidente o erro comprometedor que manchara o raciocínio dos Anciãos. A acreditar-se no veneno disseminado por algumas línguas viperinas, demonstrou também quão velhos os Anciãos realmente eram.

Todavia, esses assuntos eram insignificantes para uma menina de dez anos que se deliciava com a frescura do ar nos braços e nas pernas enquanto brincava com as amigas na rua.

Foi nessas circunstâncias que vislumbrei, pela primeira vez, a verdade dos factos. Estávamos as três ao ar livre, à sombra de uma árvore enorme, entre-tidas a passarmos uma bola de umas para as outras: Kobbí (Kobrah de seu nome), Tahnee e eu, Nalah. Então, a Voz passou com passos pesados, uma túnica de mangas compridas e calças de perna inteira, naturalmente, visto que os seus membros gordos feririam a vista. Apareceram depois uns rapazes, com um brilho nos olhos que nos levou a juntarmo-nos, como carneirinhos que tivessem detetado o cheiro de cães selvagens e cujos instintos lhes dissessem que a separação do rebanho seria a morte certa.

Nesse dia os rapazes não estavam interessados em provocar-nos, não quando a Voz, tendo olhado para

trás e visto sinais de perigo, começou a arrastar-se na direção da casa mais próxima, decerto na esperança de encontrar ali a salvação.

Eles foram rápidos de mais, cercaram-na num instante.

— Não tens calor? — troçaram. — Não tens calor, não tens calor, não tens calor? Já te vamos refrescar.

Puxaram-na, empurraram-na e ela não parava de se esquivar, de tentar mexer-se, como um pobre animal encurralado. Por fim, um deles agarrou-a pelo capuz e puxou-o, expondo o pescoço da Voz pela primeira vez que registámos nas nossas jovens memórias.

Os rapazes fugiram a sete pés e calaram-se, de olhos esbugalhados. Então ela voltou-se para nós, as meninas. Olhou-me nos olhos.

Não vi nela um pobre animal irracional. Vi nos seus olhos sinais de uma inteligência tão retorcida como as cicatrizes que lhe cobriam o corpo. E vi nelas uma fúria como facas que agora desembainhasse, à vista de todos.

Por fim, alguns adultos repararam em nós e perceberam que havia caso. O burburinho de vozes preocupadas transformou-se num zunzum de abelhas irritadas quando compreenderam aquilo que tínhamos visto — e porquê. Solícitos, apresaram-se a levar a Voz para casa, arrastaram os meninos para o Paço

dos Anciãos, para que determinassem qual seria o castigo, e nós três fomos despachadas para as respectivas casas, onde quem nos acompanhou trocou meia dúzia de sussurros com cada uma das nossas mães.

Passsei o resto dessa tarde sozinha, tendo o cuidado de manter o espírito livre de pensamentos enquanto via a luz brincar com as sombras na parede do meu quarto. Porém, os pensamentos teimavam em preencher-me. Ideias que se infiltravam e se confundiam com os desenhos que as folhas das árvores projetavam no estuque branco.

A Voz não nascera muda. Teriam os ferimentos que haviam dado origem àquelas cicatrizes horripilantes acontecido na mesma altura em que perdera os pais? Teria em tempos sido apelidada de outro nome? Mesmo que a sua voz estivesse irremediavelmente danificada, os curandeiros tinham mais mão para a costura do que a mais dotada de todas as costureiras e zelavam com brio pela saúde de toda a aldeia. Porque a teriam tratado tão mal?

As sombras na parede transfiguraram-se e ocorreu-me outra ideia quando as palavras que os professores nos diziam todos os dias na escola pareceram preencher-me até não deixarem espaço para mais nada — até eu ouvir a ameaça subjacente a frases que deviam ser sinónimo de gratidão: «Respeitem os

vossos pais. Deem graças por eles todos os dias. Sem pais, seriam órfãos e a vida de órfão é uma vida de sofrimento.»

Todos os aldeãos tomavam conta da Voz. Tinha casa onde viver.

*Mas é uma das mais antigas da aldeia. Terá sido a primeira pessoa a morar lá? Se fores perguntar à mãe, ou à avó, dir-te-ão que outra órfã muda morou lá antes?, pensei.*

Toda a gente lhe levava comida e presentes; até as crianças mais pequenas, com a ajuda dos pais, lhe ofereciam guloseimas.

*Será que gosta mesmo de as receber?*

*Porque terá aquelas cicatrizes?*

Não tinha respostas para as minhas dúvidas. Não queria ter. Estava a sofrer por mim própria e também pela Voz.

Uma hora antes do jantar, emergi do meu quarto. A minha mãe olhou com atenção para a minha cara e afirmou:

— Vou fazer um bolo azedo. Vais levá-lo à Voz, para te sentires melhor.

— Não — atirei, em voz áspera, como se algo me arranhasse a garganta. — Deixa-me fazê-lo sozinha.

A mãe demorou um pouco mais a olhar para mim, antes de assentir.

— Muito bem. Já tens idade para isso.

Assim sendo, comecei a fazer o bolinho e a mãe foi para a horta, sem tecer comentários sobre o atraso na preparação do jantar (dizia-se que dava azar cozinhar outros alimentos ao mesmo tempo que se confeccionava um bolo azedo). E achei que, se caíssem algumas lágrimas na massa, não estragariam o sabor.

Assim que o bolo arrefeceu o suficiente para ser depositado no pires que era única e exclusivamente usado para levar oferendas à Voz, saí de casa. O facto de nenhum dos meus pais se ter pronunciado, ou exigido que eu esperasse até depois de jantar, deu-me a entender quão preocupados estavam comigo.

Ela já se encontrava na sala de visitas, sentada na cadeira desproporcionada que parecia ter sido feita à medida de uma pessoa francamente mais anafada. O facto de já estar ali implicava que eu não era a primeira visita do dia. Talvez Kobby e Tahnee já tivessem aparecido com as mães. Recebeu-me sozinha, o que não era de admirar. Havia sempre um acompanhante em casa, mas a presença de visitas costumava permitir que quem estava de serviço fizesse um intervalo.

Aproximei-me da cadeira e estaquei à distância que as regras da boa educação ditavam. No entanto, não lhe estendi o pires. Embora lhe tivessem dado



banho e a tivessem vestido com primor, um capuz novo para lhe cobrir a cabeça e o pescoço, olhei-a nos olhos e lembrei-me das cicatrizes horríveis.

Os meus ficaram marejados, toquei no meu próprio pescoço e sussurrei:

— Lamento.

Espantei-me, por nunca lhe ter visto qualquer emoção à flor da pele senão um sorriso aqui e ali, quando vi que também os seus olhos se enchiam de lágrimas. Então esboçou um sorriso — sincero, caloroso, pleno de compaixão e carinho —, estendeu uma mão, pegou no meu bolinho azedo e comeu-o.

Muito mais bem-disposta, limpei as lágrimas do rosto e retribuí o sorriso.

— Agora tenho de ir.

Não reagiu quando dei meia-volta para sair. Nunca reagia.

Antes de chegar à porta, prestes a saltitar de volta a casa e à família, para jantarmos, entraram na sala os rapazes que tinham atormentado a Voz, seguidos dos pais severos e das mães apreensivas. Desviei-me de um salto e encostei-me à parede para não repararem em mim, mas naquelas circunstâncias ninguém daria pela minha presença.

Tendo em conta o que veio a suceder-se, ninguém sequer se lembraria de que eu estivera ali.

O primeiro menino aproximou-se da cadeira e estendeu o pires com a sua oferenda.

A Voz pegou no bolinho e atirou-o para o chão.

Todos os adultos em volta, escandalizados, ficaram de respiração cortada e o pai do rapaz apressou-se a entrar pela porta que dava acesso ao resto da casa, a chamar pelo encarregado de serviço.

O segundo jovem apresentou a sua oferenda. Ela esborrachou-a com a mão e besuntou a roupa com o bolo. Mas o terceiro, aquele que lhe tirara o capuz, que dera a conhecer o seu segredo, que pusera a nu a sua dor... Atacou-o tão depressa que ninguém conseguiu impedi-la. Num instante estava sentada, a olhá-lo fixamente; no seguinte avançava, convicta, pegava no bolo com uma mão e na cabeça dele com a outra. Quando o menino começou a gritar, enfiou-lhe o bolo na boca e obrigou-o a optar entre engolir e sufocar. Lá engoliu — e a expressão que vi nos olhos dela atormentou-me anos a fio.

Passado pouco tempo, o rapaz teve Pústulas Negras. Eram abcessos que cresciam no fundo do corpo, longe da pele. Às vezes passavam várias semanas antes de estarem no ponto para serem lancetados. Não bastava lancetá-los uma vez para serem vazados, por mais que os curandeiros se esforçassem. As dores do tratamento repetiam-se vezes e vezes sem conta, à medida que se iam multiplicando novas erupções

cutâneas que tinham de ser lancetadas. Eram precisas diversas sessões para o nódulo duro que constituía o núcleo desses furúnculos ser extraído e o corpo ter, enfim, a possibilidade de se restabelecer.

Porém, por mais cuidado que os curandeiros tivessem com os pacientes, a extração final deixava cicatrizes.

Deixava sempre cicatrizes.

Ao longo das semanas seguintes, não vi a Voz nas ruas da aldeia, mas ouvira os meus pais segredarem aos amigos que a rapariga começara a recusar todas as oferendas e que os Anciãos e os curandeiros haviam admitido a necessidade de se adotarem medidas — para bem da aldeia.

A curiosidade foi mais forte do que eu e, num dia, fingindo que estava cabisbaixa, preparei um bolinho e levei-o à Voz.

Nenhuma criança devia ter de se confrontar com uma verdade tão dura como aquela que conheci nessa visita.

A rapariga não me recebeu sozinha e uma das pessoas que a acompanhavam era um jovem entroncado. Estava vestida de túnica com capuz a condizer. As mangas da vestimenta tinham sido desenhadas com engenho, mas não disfarçavam o facto de a Voz ter os braços amarrados à cadeira. Como se não

bastasse terem-na privado até da ilusão de liberdade... tinham-lhe feito qualquer coisa para permitirem que o acompanhante, aplicando alguma pressão sobre um perno de madeira introduzido num objeto que se encontrava na boca dela, lhe abrisse os maxilares à força para as oferendas serem enfiadas no orifício. Depois fechava-lhe a boca à força, para não cuspir as guloseimas.

Tinham-lhe tirado o direito à escolha. Engoliria tudo o que os aldeãos quisessem.

Olhou para mim e senti que era uma traição ir ali obrigá-la a aceitar algo que não queria. Mas não podia dizer-lhe que não era um bolo azedo de verdade, não com o acompanhante ali especado, à escuta. Também não podia dizer que tinha mudado de ideias e que a Voz escusava de aceitar a minha oferenda. Ninguém fazia isso. Portanto, acabei por ver o encarregado abrir-lhe a boca à força, empurrar o meu bolinho lá para dentro e tornar a fechá-la.

Só comecei a chorar quando me senti segura em casa. Então, escondi-me numa parte abrigada da horta da minha mãe e verti lágrimas até ficar enjoada.

Passei a evitar, tanto quanto fosse possível, ir a casa da Voz. Claro que continuei a fazer bolos azedos sempre que algum sinal visível denunciava à minha mãe que eu não estava de bem com o mundo. Continuei a merecer confiança suficiente para

apresentar as oferendas sozinha, por isso os pais não descobriram que, assim que me apanhava a salvo de olhares indiscretos, procurava um esconderijo... e comia os bolos azedos.

Não havia nada no método de preparação, tão-pouco nos ingredientes, que justificasse o caroço azedo e gelatinoso, do tamanho de uma uva, que encontrei no interior de todos os bolos que fiz. Quando os abria, não via nada dentro, mas assim que os punha na boca sentia crescer o caroço no interior da guloseima. E não havia maneira de o cuspir. Conseguia cuspir a massa, mas restava sempre o núcleo, sem nada que ajudasse a adoçá-lo.

Da primeira vez que comi um bolo azedo, passei o dia enjoada, mas a minha mãe supôs que eu tinha apenas comido algo que me caíra mal e, felizmente, não insistira comigo para descobrir o que se passava.

Da segunda vez que tentei, apareceu uma Pústula Negra na minha barriga. Doía muito e assustou-me, mas maior era o medo de desabafar com os pais e confessar que deixara de levar os bolos à Voz, por isso resolvi o assunto em segredo e aprendi que aplicar um pano húmido sobre o local afetado acelerava o amadurecimento do furúnculo e que bastava usar uma agulha de costura para o lancetar. A extração do nódulo é um processo que prefiro não descrever, mas

o recheio era uma versão mais dura e mais espessa do caroço gelatinoso que existe no interior de um bolo azedo.

Se fosse mais velha na altura, talvez tivesse compreendido. Nova como era, só sete anos mais tarde tive um rasgo de lucidez.

## 2.

— Fizeste mesmo aquilo?  
Foram a incredulidade e a admiração evidentes na voz do meu irmão mais velho, Dariden, o que me levou a esgueirar-me para perto da janela do seu quarto. Eu já tinha dezassete anos; estava perfeitamente ciente de que não devia escutar às escondidas as conversas dele com os amigos. Descobria demasiada informação que diminuía o carinho que sentia pelo meu mano e em nada contribuía para gostar dos seus amigos. Principalmente do Chayne, que ainda há pouco tempo se casara com Kobbi e era um dos novos acompanhantes da Voz — ou guardas, que era como eu via quem a vigiava.

— Não foi fácil, porque Visão não é uma cidade como as outras, mas houve uma noite em que consegui desmarcar-me do meu pai e procurar uma loja específica.

— E aquilo funciona? — quis saber Dariden.

Chayne riu-se baixinho.

— Ela até é bonita, mas quando se lhe abrem as pernas, a Kobrah é bem fria. É por isso que costumo deitar três gotas desta droga no vinho dela, para a deixar anestesiada e mais disponível. Faço-lhe quase tudo o que quiser. Quando está assim, fica passiva mas com o corpo tão quente e recetivo que nem importa se tem ou não a cabeça no sítio.

— Uma mulher só precisa de ter cabeça que chegue para saber abrir as pernas — disparou o meu irmão, com um tom arrogante.

Nem me atrevi a mexer-me. Mal me atrevia a respirar. Se o Dariden descobrisse que eu tinha ouvido aquela conversa, faria da minha vida um inferno. Ou um inferno ainda pior do que já era.

— E ela faz-te... aquilo... quando lhe dás a droga? — perguntou o meu mano.

— Não — respondeu-lhe Chayne, algo revoltado. — Mesmo que lhe dê mais uma gota — não me atrevo a dar-lhe mais, porque me avisaram que, em excesso, podem ficar as mulheres com as ideias trocadas para



sempre —, não consigo convencê-la a fazer isso. Mas não importa, porque...

Chayne baixou o tom de voz, por isso debrucei-me um pouco mais para a janela, embora ainda não ousasse mexer os pés.

— ...deito três gotas na língua da outra, dou-lhe um bocado da mistela que lhe damos de comer quando não estamos a empanturrá-la com oferendas, fecho-lhe a boca e espero um pouco. Assim que a droga começa a fazer efeito, posso deixar-me ficar horas dentro da boca dela, com a língua sempre a trabalhar, a lamber-me. E já sei quanto é que devo soltar-lhe dos arreios para me apertar na medida certa.

— E depois faz-te aquilo? — insistiu Dariden, quase sem fôlego.

Chayne deixou escapar uma risada. Um ruído cruel.

— Bem, engolir, engole ela todos os dias, não é?

Saíram do quarto e rezei logo a todas as divindades que me ocorreram para não saírem pelas traseiras e descobrirem que os tinha ouvido. As minhas preces devem ter chegado ao destino, porque saíram pela porta da frente, e pude entrar à socapa pela da cozinha e chegar ao meu quarto sem ser apanhada.

O meu pai era um bom homem. Estava certa disso. Como poderia ele ter criado um filho que se excitasse com coisas tão horríveis?

*Será que o teu pai é um bom homem?*, perguntou uma parte do meu ser. *Leva bolos azedos a casa da Voz quando está infeliz com qualquer coisa. Será que ele sabe o que a obriga a engolir?*

Não podia saber. Não podia. Mas se soubesse, talvez isso explicasse a preocupação que lhe vira nos olhos ao longo do ano.

Guardara o meu segredo durante cinco anos, preparando obedientemente bolos azedos sempre que a minha mãe julgava que uma visita à Voz me faria bem, e comendo-os eu por rebeldia. Durante esse período, aprendi que comer fatias dos bolos e pães normais, que fazíamos em casa, e devorar os pastéis que comprava na padaria com a mesada mitigava os efeitos mais nocivos das Pústulas Negras. Ainda assim, teimavam em aparecer sempre que comia um bolo azedo, embora não tão grandes, nem tão dolorosas, como dantes. Por outro lado, engordara até adquirir aquilo que o meu pai, inicialmente e em tom de brincadeira, designara por «formas maternas» — querendo com isso dizer que o meu corpo mole não era a figura elegante que um homem procurava numa noiva, mas aquela que aceitava numa esposa depois

de os bebés começarem a nascer. Enfim, um homem tinha de fazer algum sacrifício para ter filhos.

Numa noite a Tahnee descoseu-se e disse à minha mãe que não me tinha visto em casa da Voz numa altura em que eu devia ter lá estado. Ciente do erro e convencida de que eu teria saído às escondidas com um rapaz, com o pretexto de ir visitar a Voz, fez tudo o que pôde para se desdizer, mas o seu acesso de esquecimento a respeito de onde estivera na noite em causa não enganou a minha mãe, que passou a ver com outros olhos os meus dias de má disposição.

A partir daí, passei a ir acompanhada sempre que visitava a Voz e cada vez que via o encarregado enfiar-lhe o bolo azedo na boca, ficava com um nó na barriga — porque isso fazia com que me sentisse melhor. No entanto, só percebi porquê quando fiz a viagem até Visão.



### 3.

**D**ariden estava ansioso por conhecer a cidade que era descrita como misteriosa e, mais do que isso, profundamente estranha. Contudo, fui eu quem acabou por ir a Visão com a Tahnee e os pais dela.

Por mais que a minha mãe se esforçasse por controlar o que eu comia em casa e apesar de os donos da padaria, na tentativa de me ajudarem a recuperar a linha, se tivessem comprometido a não me venderem nada sem autorização expressa dos pais (que nunca ma davam), o meu corpo teimou em permanecer cheio. O pai, na ânsia de contribuir, ganhara o hábito de me bichanar sempre que me levava a ver a Voz: «Se não parares de comer sem juízo, vais acabar assim.»

Ela era gigantesca. Quando lhe abriam a boca para receber uma oferenda, os seus olhos desapareciam sob pregas de gordura. Custava-me vê-la naquele estado e perceber que contribuía para o seu sofrimento. Custava-me ouvir o meu pai fazer comentários tão cruéis à filha que dizia adorar.

Mas no dia que acabou por motivar a minha ida a Visão, quem estava de serviço quando o meu pai me sussurrou as suas palavras de alento era o Chayne e tive aquilo que os curandeiros apelidaram de um ligeiro esgotamento nervoso.

Gritei. Berrei. Chorei. Sentei-me no chão aos uivos, num pranto que encheu a sala de visitas e assustou as crianças rabugentas que queriam dar bolos azedos à Voz para ficarem mais felizes e contentes enquanto ela... ela... Acabei por ser autorizada a ir com Tahnee e os pais dela porque já tinham alojamento marcado para uma semana em Visão e podia partilhar o quarto com ela — e também porque, quando o meu irmão se ofereceu para me acompanhar, desatei a gritar que ele fornicava com animais de quinta e abusava de crianças e quando o pai tentou aproximar-se de mim, emiti ruídos guturais que, assim que me acalmei, a mãe me disse parecerem saídos de um bicho-do-mato.

De facto, a minha mãe tinha razão. Estava a crescer em mim uma raiva sem que eu soubesse porquê.

Sabia apenas que odiava a aldeia e detestava fazer parte de algo que não só violava a independência de outra pessoa, como violava convicções que guardava em mim.

Tinha de fugir dali, mas não sabia como.

Às vezes só precisamos de uma mudança de perspectiva.